



arte pode ser o espaço por excelência da liberdade. Mas ela tem lá seus tabus, não se engane. Flores, por exemplo. Pintura de flor, fotografia de flor: será que pode? É kitsch ou não? No sutilíssimo fio dessa navalha encontramos a produção recente da artista brasileira radicada em Berlim Luzia Simons. Suas tulipas monumentalizadas são coqueluche por aqui entre colecionadores - como Paula Raia e Fernando Altério, Kelly Amorim, Ana Claudia Rocha, Carola Diniz e Dado Castello Branco, para citar alguns. E vão ganhar, neste mês, o espaço nobre do octógono da Pinacoteca do Estado.

Acredite se quiser, a gênese dessa série de obras está em uma sensação de fúria. "Tinha raiva das novas tecnologias. Não entendia por que precisava organizar minha vida em torno delas", conta, rindo, a artista, em entrevista à **Bazaar**.

Em 1995, dando aulas em Stuttgart, Luzia tinha de preparar um curso de introdução às cores e foi quando se deu conta de que a subtração das cores poderia ser mostrada facilmente e de forma dinâmica com aparatos digitais. "Comecei a escanear tudo o que

via pela frente. Achava engraçado pegar os próprios frutos da natureza para escanear, já que todas as cores provêm de elementos naturais também", comenta. Rosas e tulipas e frutas e legumes foram parar no scanner de Luzia. Depois, seu passaporte. "Copiar, rasurar, tudo o que era proibido, subitamente podia ser feito com o recurso da digitalização." As experiências com o passaporte e outros documentos que atestavam o trânsito internacional, assim como a burocracia global que um imigrante precisa enfrentar, viraram a obra Tiansit, que foi exibida em São Paulo em 2001. Mais de dez anos depois, essa mesma instalação acaba de ser mostrada na Bienal de Curitiba, que terminou em novembro. "Aquele trabalho foi a minha biografia em pedaços, fragmentada."

Mas o interesse pelas imagens escaneadas continuava."O que me seduzia era a possibilidade de desenvolver um pensamento pictórico por meio dessa tecnologia. E, entre todos os gêneros da pintura, sempre tive apreço pelas naturezas-mortas, elas sempre me provocam um desejo de entrar no quadro. Acho que a sua placidez me traz paz e calma, apesar de também haver o com-

> ponente – sobretudo nas naturezas-mortas do barroco – dramático." E as flores eleitas por Luzia para seguir discutindo as políticas de trânsito cultural foram tulipas.

> Talvez a vontade de mergulhar naquelas telas tenha determinado a escala monumental das ampliações fotográficas que se tornaram o resultado concreto das pesquisas com scanner. As obras da série Stockage costumam ter 2 metros ou mais de largura. São inquietantes. Um misterioso fundo negro dramatiza a presença das flores, que podem ser apreciadas em rigorosamente todos os detalhes: um grão de pólen derrubado do bulbo, uma ranhura ou a delicada curvatura de uma pétala."O curioso é que a varredura do scanner se aproxima muito da visão de um pintor, porque coloca foco em todos os pontos da imagem, diferentemente da visão centralizada de uma câmera fotográfica ou mesmo do olhar humano, que focam um ponto e reduzem a nitidez de tudo ao redor dele", analisa a artista. Suas fotos, portanto, são pura superficie, tal qual uma pintura.

> As referências políticas e econômicas embutidas no simbolismo da tulipa passam pela relação complexa entre civilizações - ela vem originalmente da Turquia e do Cazaquistão, apesar de ser comumente identificada com a Holanda e pela história de uma primitiva especulação financeira. "Em 1637, houve um crash da bolsa, digamos assim, na Holanda, por causa da especulação com os bulbos de tulipa, que estavam sendo negociadas pelo mesmo valor do ouro. Dizem que até Rembrandt ficou pobre por isso." Com tantos significados e possibilidades de interpretação contidos em uma "simples" flor, pode-se dizer, afinal, que Luzia Simons elaborou o crime perfeito: encontrou uma maneira de fazer foto de flor passando (muito) longe do kitsch.



ESCALA Luzia em frente a uma de suas obras; na página ao lado, Stockage 116 (2013)

